

ÉTICA CRISTÃ SOBRE APOSTAS E JOGOS DE AZAR:

Conceituação e Contextualização

Mateus Brelaz Veloso¹
 Ulicélio Valente de Oliveira²
 Vanessa Costa Alves Galúcio³

RESUMO: No cristianismo, a ética assume uma importância incomensurável. Enquanto a ética secular se alicerça em premissas como a filosofia ou utilitarismo social, a ética cristã encontra seu cerne nos ensinamentos revelados pelas Escrituras Sagradas. A ética cristã é um chamado a viver de forma santa, onde a prática está diretamente vinculada à obediência à vontade divina, revelada na Bíblia. Dessa forma esse trabalho alinha os pressupostos objetificando o embasamento para uma análise sólida. Além disso, é imperativo atentar para as discrepâncias conjunturais entre a era bíblica e a contemporaneidade, visando uma fundamentação adequada para a intervenção da Ética Cristã no trabalho à frente.

PALAVRAS-CHAVE: Ética, Filosofia, Bíblia.

ABSTRACT: In Christianity, ethics assumes immeasurable importance. While secular ethics are based on premises such as philosophy or social utilitarianism, Christian ethics finds its core in the teachings revealed by the Holy Scriptures. Christian ethics is a call to live a holy life, where practice is directly linked to obedience to the divine will, revealed in the Bible. Therefore, this work aligns the assumptions, aiming to provide a solid foundation for analysis. Furthermore, it is imperative to pay attention to the contextual discrepancies between the biblical era and contemporary times, aiming for an adequate foundation for the intervention of Christian Ethics in the work that follows.

KEYWORDS: Ethics, Philosophy, Bible

INTRODUÇÃO

Neste artigo, são identificadas as definições de elementos fundamentais da análise, tal como as conjunturas e os conceitos de sorte, jogos de azar e apostas, do período bíblico e atual. Para tal, o levantamento bibliográfico se detém nos registros da Bíblia Sagrada e em citações de expoentes religiosos ou personagens históricos da igreja. O pensamento teológico acerca dessas práticas foi gradativamente delineado ao longo dos séculos, contando com as

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). E-mail: mateus.veloso@seminarioequatorial.com.br.

² Graduado e Especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Licenciado em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Atualmente é aluno do Programa de Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordenador Acadêmico na Faculdade Teológica Batista Equatorial. E-mail: uli.celivalente@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5184157147063224> e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0002-0770-2809>.

³ Doutora em Biotecnologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) com pós-doutorado pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). É diretora da Faculdade Batista Equatorial (FABAE). E-mail: vanessa.galucio@seminarioequatorial.com.br.

contribuições de teólogos, eruditos e mestres. Assim, o propósito da pesquisa transcende a simples compreensão das interpretações históricas, ao abranger uma avaliação crítica de exegetas.

Ademais, a investigação considera as práticas de sorte e apostas sob o prisma da ética cristã, examinando de que maneira as perspectivas históricas podem iluminar uma compreensão mais abrangente e profunda do significado dessas práticas na contemporaneidade. Não se limita a descrever os fenômenos, mas analisa suas repercussões no tecido social e na moralidade vigente. A transição entre o universo bíblico e o mundo moderno desponta como um terreno fecundo para contrastes. No passado, esses fenômenos eram concebidos sob prismas distintos; atualmente, ocupam uma posição frequentemente marginal, mas de inegável relevância.

1. CONCEITO DE ÉTICA CRISTÃ

Conforme expressa Aristóteles (2009) em sua magna obra “Ética a Nicômaco”, a ética constitui-se como o percurso essencial para o aperfeiçoamento das virtudes e a conquista da felicidade plena, ou *eudaimonia*. Alcançar esse nível é totalmente possível, para ele. Tratando-se de uma disciplina de natureza prática, sua finalidade é conduzir à excelência do caráter e à vida vivida em harmonia com o bem supremo. Esse bem é, portanto, compreendido como o fim último de toda a atividade humana.

A ética aristotélica se debruça sobre questões fundamentais. A forma ideal de vida, os atributos de caráter a serem cultivados, bem como as ações que devem ser promovidas ou evitadas são os objetos em análise. Nas palavras do filósofo (Aristóteles, 2009), o escopo da ética é guiar os seres humanos para a realização de uma vida de excelência moral e felicidade.

Todavia, mesmo sob essa ótica, a ética pode ser analisada a partir de múltiplas correntes e perspectivas filosóficas, pois cada qual está estruturada sobre seus próprios critérios de julgamento moral, oferecendo um rico campo de reflexão e debate acerca do comportamento humano e seu propósito. Dessa forma, a ética se configura como o estudo que orienta a busca por uma vida virtuosa.

Segundo Mateus 22.37-40, todas as prescrições estão centralizadas no duplo mandamento de amar a Deus e ao próximo. Dessa forma, os preceitos bíblicos derivam do amor, ou seja, as ações ideais estão completamente fundamentadas nessa qualidade. Outrossim, segundo Norman Geisler (2010), a ética cristã se concentra não apenas em ações corretas, mas em motivações corretas. Assim, o objetivo vai além da conformidade externa com regras; trata-se de uma transformação interna que reflete o caráter de Cristo. Pois a Palavra é poderosa para

transformar o cristão de dentro para fora, capacitando-o a agir em amor através de uma mudança real em sua natureza e não por mera obrigação moral.

Na teologia, a ética desempenha uma função essencial ao fornecer um arcabouço normativo e prático para o discernimento moral dos cristãos, permitindo-lhes diferenciar entre ações que glorificam a Deus e aquelas que violam Seus preceitos. Conforme expõe Grudem (2007), a ética na teologia implica uma busca constante por uma relação íntegra com Deus e com o próximo.

Além disso, a ética no campo teológico oferece diretrizes claras para o comportamento moral em todas as dimensões da vida cotidiana — seja nas relações familiares, no ambiente profissional ou na abordagem de questões éticas modernas, como as apostas e os jogos de azar. Deve-se observar critérios robustos para avaliar se tais práticas estão em harmonia com a fé cristã, promovendo um viver alinhado com os valores do Reino de Deus.

Portanto, destaca-se essa distinção fundamental: ao passo que a ética geral frequentemente se apoia em construtos filosóficos, culturais ou históricos, a ética cristã tem como alicerce a Bíblia. Logo, a base da Ética Cristã é imutável. Enquanto os pressupostos da Ética secular são voláteis, a ética cristã não segue as mudanças culturais.

1.1. Modelos de Análises Éticas - Deontológico e Teleológico

Tratando-se de Ética Cristã, é necessário o uso de dois modelos de análise: deontológico e teleológico. Cada uma responde aos desafios morais de maneira diferente. Conforme exposto por Geisler (2010), a distinção fundamental entre as duas manifesta-se nas raízes etimológicas dos termos. A teleologia origina-se do grego *telos*, cujo significado é "fim" ou "propósito", enfatizando as consequências das ações como critérios de avaliação moral. A deontologia deriva do termo *deon*, traduzido como "dever" ou "aquilo que é necessário", por sua vez, age no conjunto de preceitos universais, que orientam a moralidade das ações, independentemente dos efeitos obtidos.

A ética deontológica está centrada em regras. Ela avalia a moralidade das ações pela adesão a normas imutáveis, como os Dez Mandamentos. A moralidade de uma ação é julgada pela conformidade com normas universais e imutáveis. Elas aplicam-se a todos, em qualquer situação, independentemente do contexto ou dos resultados. Já a ética teleológica avalia a moralidade com base nas consequências das ações. No cristianismo, ambas têm seu lugar, mas como Stanley Hauerwas (1983) observa, uma interpretação equilibrada das Escrituras deve sempre considerar os resultados das ações (ética teleológica) quando as regras objetivas (ética deontológica) não são conclusivas.

Logo, a ética na teologia cristã é fundamental para guiar os crentes em uma vida que glorifique a Deus. Ela oferece um modelo de vida que é ao mesmo tempo baseado em princípios eternos e sensível às circunstâncias da vida contemporânea. A compreensão clara da ética permite que o cristão viva de acordo com os ensinamentos bíblicos. Enquanto, no passado, máximas como “não amar o dinheiro”, “não desejar enriquecer rapidamente” ou “fugir da ganância e da cobiça” eram suficientes para lidar com dilemas contextuais, os tempos atuais são mais sofisticados e demandam posicionamentos mais complexos.

Pode-se dizer que essa questão foi tratada, ao longo da história da igreja, na maioria das vezes, sob a perspectiva teleológica. Contudo, as sutilezas e complexidades da sociedade atual exigem uma abordagem que vá além da análise meramente teleológica, tradicionalmente utilizada, para um enfoque deontológico mais absoluto. Na aplicação ao campo ético contemporâneo, práticas de apostas e jogos de azar desafiam parâmetros éticos tradicionais, exigindo análise não restrita aos efeitos práticos das ações, mas examinar sua consonância com valores imutáveis do cristianismo. A abordagem teleológica, ao priorizar a obtenção de resultados favoráveis, pode revelar-se insuficiente para abranger toda a complexidade ética envolvida, visto não ser considerada a essência moral das atitudes em si mesmas.

Assim, a perspectiva deontológica mostra-se tão pertinente quanto a teleológica, fundamentando a avaliação ética em princípios inegociáveis como integridade, testemunho cristão e mordomia responsável dos recursos, delineando diretrizes claras e objetivas para ações, independentemente de qualquer benefício ou prejuízo resultante. Ao considerar a escassez de literatura específica sobre apostas e jogos de azar sob a ótica deontológica da Ética Cristã, é essencial enfatizar que essa lacuna não significa uma total ausência de orientação ou reflexão sobre o assunto dentro do cristianismo. Muitas vezes, as igrejas e denominações cristãs abordam essas questões indiretamente, por meio de ensinamentos sobre a gestão da riqueza, o uso do tempo, ou fugir dos vícios na busca pelo domínio próprio, temperança e sabedoria.

Portanto, uma análise Ética, deve considerar o alinhamento e as divergências entre os jogos de azar e as verdades éticas cristãs. Nessa perspectiva, o foco no modelo deontológico e teleológico, oferece uma base para questionar se a participação em jogos de azar sempre resulta em quebras da lei de Deus, ou há exceções.

1.2. Limites e Complementaridades dos Modelos

Os modelos de análises éticas devem ser observados cuidadosamente. A ética deontológica, com seu foco no cumprimento de deveres e normas universais, oferece uma lente rígida, mas necessária, especialmente ao lidar com princípios bíblicos. Contudo, sozinha, ela

não é suficiente, pois a natureza multifacetada das apostas e jogos de azar requer uma abordagem mais ampla.

A inflexibilidade é um limite claro na deontologia. Ao concentrar-se apenas no ato em si, ela ignora as complexidades circunstanciais. Por exemplo, em quais critérios pode-se participar de sorteios? Nesse dilema, a deontologia falha, pois é incapaz de lidar com flexibilidades. E é nesse vácuo que a ética teleológica expressa sua relevância. Em contraste direto com a deontologia, a ética teleológica se interessa pelos resultados, seja da prática ou do coração humano. O utilitarismo, um de seus ramos mais influentes, mede o valor moral com base no impacto positivo ou negativo das ações. E quando falamos de apostas, essa visão oferece um olhar mais matizado.

Em muitos países, a regulamentação das apostas gera receitas consideráveis para serviços públicos essenciais. Sob uma perspectiva teleológica, surge uma questão interessante: se o dinheiro das apostas, quando bem gerido, melhora o bem-estar coletivo, poderia essa prática ser moralmente justificada? Uma análise teleológica responde. Enquanto a deontologia, com sua perspectiva rígida, divide ações em corretas ou incorretas, a teleologia se enraíza nas circunstâncias de cada situação. Há cenários em que as apostas são realizadas sob regulamentações rigorosas, com fins sociais e caridade. Através da análise teleológica, diferentes denominações alcançam diferentes resultados para esse contexto.

Dito isso, a análise sobre apostas e jogos de azar não deve ser reduzida a um único modelo, ou seja, é essencial entrelaçar os princípios da deontologia e da teleologia. A deontologia, com sua estrutura sólida, serve como um farol na condenação de práticas indiscutivelmente indevidas, por exemplo, desarmonia legislativa ou ganância, que são, sem dúvida, inaceitáveis sob qualquer ótica ética.

Entretanto, nota-se uma aparente oposição entre a rigidez da deontologia e a fluidez das consequências teleológicas. De um lado, princípios clamando por absolutos, enquanto, do outro, estão resultados práticos, desafiando os julgamentos éticos. Mas o limite dos dois modelos sugere a necessidade de complementaridade entre eles.

Essas abordagens, quando vistas isoladamente, não conseguem captar a totalidade desse fenômeno complexo. É semelhante ao intento de apreciar uma bela sinfonia apenas escutando um único instrumento; a riqueza se revela quando se aprecia a harmonia que emerge da união de diferentes sons. Assim, a intersecção entre deontologia e teleologia enriquece e ilumina os caminhos morais e os desdobramentos práticos decorrentes.

Portanto, a ética não é uma entidade estática, enjaulada em definições rígidas, mas um espaço de diálogo e reflexão. É um mosaico de pensamentos, onde cada peça – seja ela um

princípio, um meio, um fim ou uma consequência – contribui para o quadro geral. Nesse ambiente dinâmico, a harmonia entre os modelos divergentes se torna um farol, guiando a ética cristã a posicionamentos mais fiéis às Escrituras.

2. CONTRIBUIÇÕES TEOLÓGICAS PARA A ANÁLISE

A tarefa de preencher essa lacuna e desenvolver uma reflexão ética mais profunda sobre apostas e jogos de azar requer um diálogo interdenominacional abrangente, incluindo visões teológicas distintas. Destarte, nesta análise, considerar-se-ão as vozes da comunidade cristã, abrangendo líderes religiosos, teólogos, acadêmicos e filósofos. A compreensão mais aprofundada deste fenômeno exige um exame crítico das implicações morais, tendo em vista a complexidade e a diversidade das situações que envolvem apostas e jogos de azar. Portanto, as contribuições desses indivíduos para o tema serão minuciosamente examinadas, permitindo ao leitor discernir a pertinência de seus argumentos à luz dos valores e princípios fundamentais da fé cristã.

Todavia, o objetivo não é navegar sem rumo nos mares das vãs discussões teológicas, nem depreciar ou desmerecer os comentários ou a carreira dos nomes citados nessa análise. As afirmações apresentadas enriquecem a discussão com dois tipos de contribuições: a identificação da relevância dos argumentos para a temática em questão e a compreensão da maneira como as Escrituras orientam as reações às problemáticas éticas contemporâneas. Reconhece-se a existência de inúmeras possíveis problemáticas, e, de fato, o levantamento realizado nesta análise não possui infalibilidade. Entretanto, para servir como diretriz, seguir-se-á às questões observadas por renomados líderes religiosos, pois considerando o fato de as problemáticas serem mencionadas por figuras de destaque, confere a eles uma importância digna de ser avaliada à luz das Escrituras.

Essa abordagem visa proporcionar uma análise mais robusta e informada, capaz de promover um rico entendimento sobre as implicações éticas relacionadas aos jogos de azar e suas repercussões no contexto cristão. Cada colaboração expressa diferentes pensamentos, contextos, pressupostos, finalidades e ferramentas, gerando uma enorme colaboração para a construção do conhecimento.

Quanto a isso, os personagens citados usaram distintas metodologias, mas a presente análise é realizada através do método histórico-gramatical. Segundo Kunz (2021), essa abordagem hermenêutica visa compreender o significado de um texto considerando tanto o contexto histórico em que foi produzido quanto as regras gramaticais e linguísticas da língua original em que os livros da Bíblia Sagrada foram escritos.

Diante de distintas cosmovisões e denominações, os personagens mencionados na análise em questão adotam uma variedade de metodologias para a interpretação dos textos sagrados. Entretanto, a presente investigação avaliará cada posicionamento utilizando como base argumentativa afirmativas resultantes do método histórico-gramatical. Não é possível realizar exegese para todos os versículos, por serem tantos. Logo, utilizar-se-á teólogos que usem esse método que assegura maior fidelidade às Escrituras, pois conforme elucidado por Kunz (2021), não apenas se propõe a explorar o significado intrínseco de um texto, mas também a mergulhar nas particularidades linguísticas e culturais que o envolvem.

Para Bruce (1981), a abordagem reside na consideração do contexto histórico em que o texto foi elaborado. Tal análise abrange um exame das circunstâncias socioculturais, políticas e religiosas que podem ter exercido influência sobre a redação, permitindo uma compreensão mais ampla do conteúdo. Esse fator é crucial, pois as realidades da época podem fornecer informações valiosas acerca das intenções do autor.

William L. Lane (1991) destaca, no método histórico-gramatical, a importância das regras gramaticais e linguísticas da língua original. Assim, a análise cuidadosa da gramática, da sintaxe e das nuances semânticas é indispensável. Essa compreensão permite ao intérprete não apenas captar o significado literal das palavras, mas também as implicações teológicas subjacentes. Tratando-se de uma temática tão polêmica como apostas e jogos de azar, os objetivos da abordagem hermenêutica empregada nesta análise transcendem a simples decodificação textual. Busca-se, assim, desvendar não apenas o sentido direto das palavras, mas também suas conotações e implicações éticas. Nessa investigação aprofundada, será proporcionada uma visão mais rica, contribuindo para uma ética fundamentada na Palavra.

Ademais, o não uso dessa abordagem resultou em distorções, verdades frequentemente negligenciadas e interpretações superficiais. Portanto, a Ética Cristã saudável anda de mãos dadas com a hermenêutica. Segundo John Stott (2006), uma interpretação adequada dos textos bíblicos é fundamental para a formação de uma ética sólida, onde os eternos princípios bíblicos direcionam o viver cristão em um mundo de constantes mudanças.

Assim, a presente análise não busca ser exaustiva ou definitiva sobre o tema, e é reconhecido que ela pode e deve ser expandida. Outrossim, reconhece-se o valor das benéficas contribuições à igreja de Cristo dos personagens citados, ainda que em certos casos, seus comentários não possuam valor deontológico para a análise ou estejam desalinhados com as Escrituras, a partir do método históricogramatical.

Por fim, o objetivo é contribuir para o progressivo preenchimento da lacuna teológica sobre o tema. A análise não declina, de forma explícita, a legitimidade ou pecaminosidade de

prática “A” ou “B”, mas sim dos conceitos enraizados em tais. Compreender a cadeia argumentativa da Ética Cristã é suficiente para identificar o posicionamento bíblico diante das práticas contemporâneas, muitas vezes camufladas e infiltradas nas igrejas.

3. OBJETOS EM ANÁLISE

Os objetos em análise são: sorte, apostas e jogos de azar. Essas práticas são analisadas tanto nos tempos bíblicos quanto no contexto contemporâneo. Inicialmente, é explorado o significado desses elementos nas escrituras sagradas. Caso não haja dados suficientes, recorrer-se-á a documentos extrabíblicos para elucidar como eram interpretados na antiguidade. Posteriormente, é conduzida uma análise comparativa com a realidade atual. As idiosincrasias culturais, sociais e éticas envolvendo essas práticas na sociedade contemporânea também são registradas. A presente conceituação é crucial, pois observar esses fenômenos ao longo da cronologia possibilita compreender os pressupostos que fundamentam posicionamentos em diferentes épocas da história da igreja.

Outrossim, essa reflexão ajuda a discernir as continuidades e rupturas entre o tempo bíblico e as práticas modernas. Assim, haverá subsídios para uma análise contextualizada. Os objetivos desta conceituação consistem em sintetizar as ópticas multifacetadas sobre esses elementos, alinhando os pressupostos para permitir o prosseguimento da análise. A estrutura deste capítulo está organizada em três seções: sorte, apostas e jogos de azar. Cada uma é investigada nos tempos bíblicos e atuais, a fim de chegar a um denominador comum dos conceitos. Essa organização temática faculta um prosseguimento saudável à análise da Ética Cristã.

3.1. Sorte - Período Bíblico e Atual

Inicialmente, o conceito de sorte, ou fortuna, parece suscitar dissonâncias com determinados atributos divinos. Haja vista que há uma aparente antinomia entre o desdobramento incognoscível da sorte e os infalíveis decretos divinos. Para Borges (2021), a providência divina reside na livre ação de Deus visando à realização do bem. Logo, a agência soberana do Todo Poderoso jamais se subordina à contingência fortuita de um destino autônomo e incontrolável.

Na Confissão de Fé Batista de 1689 (2002), ponto 1 do capítulo 5, a providência contínua de Deus é o efeito de agir ininterruptamente na sustentação da criação, governando sobre todos os fatores, do micro ao macro, a fim de cumprir os desígnios estabelecidos na eternidade. Nessa conjuntura, o conceito de sorte parece inconcebível, porquanto transporta

consigo a noção de que possíveis eventualidades são desencadeadas pelo mero acaso. Todavia, observa-se nas Sagradas Escrituras tanto a descrição quanto, em alguns casos, a prescrição divina de práticas envolvendo o elemento sorte, como em Êxodo 28:30: “Assim, porão Arão a Urim e o Tumim sobre o seu coração, quando entrar diante do SENHOR; e assim levará Arão o juízo dos filhos de Israel sobre o seu coração diante do SENHOR continuamente”.

De acordo com Neuenfeldt (2001, p. 137), *Urim e Tumim* são práticas sacerdotais legítimas. Consequente, tem-se a prática de lançar sorte em Números 26. O capítulo inicia com a ordem de Deus dirigida a Moisés e ao sumo sacerdote Eleazar para realizarem o recenseamento do povo israelita conforme famílias e tribos. O recenseamento registra um número expressivo de homens aptos para o serviço militar, totalizando 601.730.

Subsequentemente, nos versículos 55 e 56, Deus convoca Moisés para realizar a distribuição territorial de Canaã entre as tribos de Israel por intermédio do procedimento do lançamento de sorte, com vistas à adequada aferição das parcelas de terra a serem recebidas por cada tribo, conforme Números 26:55-56: “Todavia, a terra se repartirá por sortes; segundo os nomes das tribos de seus pais, a herdarão. Segundo sair a sorte, se repartirá a herança deles entre os muitos e os poucos”.

Todavia, a presença da sorte não é exclusividade veterotestamentária. O Novo Testamento constata a adoção do método de sorteio no desiderato de dirimir situações de suma relevância. Atos 1:25-26 atesta tal procedimento como meio legítimo para a solução de questões de grande peso.

E apresentaram dois: José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido, para que tome parte neste ministério e apostolado, de que Judas se desviou, para ir para o seu próprio lugar. E, lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias, e por voto comum foi contado com os onze apóstolos.

Observa-se, em situações como essa, que após a ascensão gloriosa de Jesus aos céus, os onze discípulos estavam em Jerusalém e, sob a liderança de Pedro, deliberaram sobre o preenchimento da vaga deixada por Judas. Para que se cumprisse as Escrituras, decidiram selecionar entre dois homens que acompanharam o Mestre em todo o percurso ministerial, sendo eles, José chamado Barsabás (conhecido também como José, o Justo) e Matias. Após uma fervorosa oração suplicando a orientação divina, os discípulos, guiados pela providência divina, lançam sortes para determinar o escolhido. Mediante essa forma de escolha, Matias é escolhido para integrar o grupo dos doze apóstolos, ocupando o lugar que antes fora de Judas.

Essa prática é comum no primeiro século. Josefo (1950), historiador judeu do primeiro século, em “Antiguidades Judaicas”, descreve como o sumo sacerdote utiliza o lançamento de sortes para escolher o bode a ser sacrificado no Dia da Expição por meio de lançamento de sortes. Assim também, Suetônio (1991), historiador romano do século I, em “Vida dos Doze Césares”, relata o lançamento de sortes realizado pelo imperador Tibério para tomada de decisão relativa à punição de um grupo de judeus acusados de proselitismo.

O Talmude (2008), conjunto de textos judaicos que compila leis e tradições rabínicas, também menciona o uso de sortes em várias ocasiões, como em Yoma 39b, onde observa-se o uso de sorteio na escolha do bode para o sacrifício de expiação. Ademais, deve-se conceituar “sorte” nos dias atuais. Esse empreendimento requer uma precisa e concisa delimitação, haja vista que a terminologia, na contemporaneidade, se encontra dotada de múltiplas facetas. Destarte, é pertinente realçar duas características elementares entrelaçadas diretamente com as apostas e os jogos de azar: imprevisibilidade e improbabilidade.

3.2. Apostas - Período Bíblico e Atual

A conceituação dos termos é fundamental para uma análise precisa da Ética Cristã. Noções não delimitadas acarretam em generalizações perigosas que são exploradas no capítulo seguinte. A partir deste entendimento, percebe-se em alguns documentos a palavra “jogar” como “apostar”.

palavra alternativa para apostar [gambling] (GENERAL CONFERENCE COMMITTEE, 1979, p. 292, em tradução livre), tornando os termos intercambiáveis, e fortalecendo a semântica de “aposta” sobre as menções a “jogo” ou “jogar”, especialmente nas traduções em língua portuguesa que frequentemente usam o termo “jogar” indistintamente (NOVAES; LIMA, 2021).

Todavia, dentro de uma análise deontológica há perigos em associar intrinsecamente tais termos, visto que a análise parte dos fundamentos

As várias definições encontradas para a palavra “jogo”, transcritas na Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura (1971: 685), deram origem a muitas teorias, consoante os tipos de jogos. No entanto, para apreender a sua essência é fundamental ter em conta o critério de gratuidade e desinteresse implícito no mesmo, isto é, a existência ou não de “aposta” (Baptista, 2012).

Logo, propõe-se uma dissociação. Os jogos de azar podem ser realizados sem vinculação monetária, pois tratam-se de ações inerentemente distintas. É possível que a própria conotação do termo “azar” insinue a ideia de prejuízo financeiro e todas as adversidades a ela

relacionadas. Contudo, é fundamental observar que o simples ato de apostar não categoriza automaticamente a atividade como um jogo de azar. A aposta pode estar relacionada com outras práticas

Nos séculos XVII e XVIII, acerca dos jogos permitidos, Rebelo da Silva, citado por Henriques da Silva, escrevia: “Os jogos lícitos como a bola, o xadrez, as damas e a péla, que antes se apostavam a vintém cada partida, em 1682 levavam grossas somas e, por casos, saíam ruinosos. [...] Havia jogo de péla ajustado a 10 dobrões o mate e a 20,100 reais, e mais, a partida. [...] Nas tábuas e no ganha-perde as menores entradas, que não excediam antigamente dois vinténs, e cada pedra cinco e seis reais, contavam, em 1630, quatro a seis dobrões e o bôlo valia quantias enormes (Baptista, 2012).

Qual é o problema disso? Não é uma inútil implicância terminológica? Na verdade, a danosidade em generalizar é a concessão às práticas não incorporadas em tais nomenclaturas. Às vezes são nomeadas de “investimento”, “rifa”, “sorteio missionário”, “grua de pelúcia”, entre outros. Desta forma, é necessário compreender a configuração das atividades e não meramente sua classificação popular.

Posto isto, o conceito de aposta consiste em um ato ou contrato, podendo ser manifestos ou não, no qual um indivíduo, designado como o “apostador” ou “participante”, investe uma soma monetária ou bens de valor em uma empreitada com a expectativa de auferir ganhos superiores ou um prêmio específico. A prática de apostar, em geral, requer o acordo unânime das partes envolvidas em relação às regras e ao montante a ser arriscado, sendo o desfecho da aposta inteiramente dependente do resultado do evento em questão. Esse montante não é necessariamente uma quantia monetária. Historicamente, apostas podem envolver coisas além do dinheiro.

No reinado de D. Fernando, os que fossem encontrados a jogar a “dinheiros secos” (apostas de alimentos), perdiam as roupas com que estavam vestidos e incorriam numa pena de cadeia de quinze dias, no final dos quais não podiam reaver as roupas. As penas de jogo eram também extensivas àqueles que, embora não tivessem participado, estivessem a ver jogar, os quais passavam a noite na cadeia, perdendo também a roupa que traziam vestida, que revertia para os carcereiros, podendo depois reavê-las se as quisessem comprar 80 (Ord. Afonsinas, 1446, Livro V, Título XXXXI, p. 150, apud Baptista, 2012. p. 30)

Em casos mais extremos, indivíduos chegam a apostar a própria vida

Entre os Germanos chegava-se a apostar a própria liberdade, ficando escravo o que perdia (Diário da Câmara dos Deputados, Sessão n.º 64, 11 de Agosto de 1908, p. 3), e entre os Hunos jogava-se a própria vida, suicidando-se o que perdesse (Pinheiro, 2006. p. 34, apud Baptista, 2012. p. 22).

Portanto, o conceito de aposta é: um pacto, podendo ser manifesto ou não, no qual um sujeito, designado como o "apostador" ou "participante", aporta uma quantia em dinheiro ou ativos de valor em uma iniciativa com a perspectiva de obter retornos maiores ou um prêmio específico. Esse termo é semelhante no período bíblico e nos tempos contemporâneos.

3.3. Jogos de Azar - Período Bíblico e Atual

Compreende-se como jogos de azar, jogatins cujo fator de controle é a sorte, conforme observado.

Em Portugal, a primeira definição de “jogo” que se encontra está expressa no Código Civil de 186771, artigo 1542.º, § 1.º: “Diz-se jogo de fortuna ou azar aquele em que a perda ou o ganho depende unicamente da sorte e não das combinações, do cálculo ou da perícia do jogador” (Baptista, 2012).

Outro exemplo:

O artigo 1.º do Decreto n.º 14 64372, de 3 de Dezembro de 1927 (Primeira Lei do Jogo), define jogo da seguinte forma: “Os jogos cujos resultados são inteiramente contingentes, não dependendo a perda ou o ganho da perícia, destreza, inteligência ou cálculo do jogador, denominam-se jogos de fortuna ou azar” (Baptista, 2012).

As Sagradas Escrituras narram a presença do uso da sorte entre a nação de Israel. Contudo, esses relatos ainda não falam sobre a jogatina, pois elas não mencionam diretamente os jogos de azar. Portanto, recorre-se a registros históricos dessas práticas em civilizações contemporâneas ao período bíblico para identificação da respectiva conjuntura e conceituação. As práticas não são limitadas a uma única região ou civilização. Elas se espalham por várias culturas antigas, revelando uma intrincada teia de crenças e comportamentos. Os politeístas não apenas praticam o jogo, mas o inserem em sua vida religiosa de maneira profunda. O acaso, aparentemente, é visto como uma dádiva sobrenatural.

Os jogos de azar remontam à China Antiga, por volta de 2300 a.C. Dados primitivos feitos de ossos e conchas, referentes à dinastia Xia, sugerem a prática desse modelo de jogatina (Harper, 2018). Inicialmente, visam, de forma majoritária, a comunicação com o mundo espiritual (Wong, 2012). Posteriormente, tornam-se, também, atividade de caráter recreativo. Os dados são feitos de ossos ou conchas. Esses objetos naturais, além de serem instrumentos de jogo, funcionam como um elo comunicativo entre os humanos e o divino. Para eles, os deuses dão aos jogadores a chance de, através de uma jogada, mudar de vida.

Ainda na China Antiga, observa-se na dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C.) jogos de dados, como o “Bianque” e o “Shuai Jiao”, que são populares entre a nobreza e as classes mais altas (Dickins, 2011), praticados em ocasiões festivas, como celebrações de colheitas, casamentos e festivais religiosos (Wong, 2012). Essas modalidades são o passatempo da elite. Logo, também se tratam de status social. Grandes torneios, apostas grandes, recompensas imponentes expressam uma performance de poder. Tanto o Bianque quanto o Shuai Jiao relacionam-se com a reputação política e social.

Quanto ao Antigo Egito, existem evidências significativas de jogos de azar referentes ao período de aproximadamente 2000 a.C. Os jogos de tabuleiro, como Senet, são populares entre os egípcios e frequentemente envolvem elementos de sorte como um dos fatores predominantes. Além de ser entretenimento popular, também possuem forte conexão com a vida após a morte, e isso é evidenciado em muitas tumbas que contêm tabuleiros (Andrews, 1994).

Os egípcios também usam os jogos de azar como um instrumento de oração. Buscam favores divinos, com a esperança de que, ao vencerem, estejam conquistando a benevolência dos deuses. Enquanto em alguns jogos, a vitória depende da intervenção dos deuses, noutros as bênçãos divinas são obtidas através das jogatinas.

Diante das definições apresentadas, algumas brincadeiras infantis podem ser classificadas como jogos de azar: ímpar ou par, cara ou coroa, bingo, uni-duni-tê e outras. Sabe-se que estas não são popularmente reconhecidas nem tratadas como tais, mas tecnicamente são classificadas. Isto se dá, no período atual, pela ignorância quanto ao conceito de jogos de azar. Como percebido no comentário de Henlee. H. Barnette (*apud* Kaiser Jr, 2015), “Jogos de azar envolvem a transferência de algo de valor de uma pessoa para outra com base em mera probabilidade”.

Talvez, nas análises teleológicas e em outros campos, como sociológicos ou jurídicos, não há nocividade em suprimir as nuances. Todavia, uma análise deontológica necessita ter rigidez de alinhamento conceitual, a fim de prevenir que generalizações obstruam a aplicação da ética cristã nas vicissitudes cotidianas. A unificação de “jogos de azar” com o conceito de “aposta” não é interessante neste capítulo. Deve-se reconhecer os efeitos de cada atividade, conforme observado.

Apostar em jogos de azar é, para a maioria que não ganha, jogar dinheiro fora. As chances de ganhar na loteria são menores do que se supõe. Para se ter uma ideia, a probabilidade de uma pessoa ganhar na loteria é risível: se alguém comprar cinquenta bilhetes a cada semana, ganhará o prêmio principal uma vez a cada cinco mil anos. Essas são as possibilidades (Nicodemus, 2017).

O autor discrimina corretamente os três conceitos, pois a atividade lotérica supracitada engloba: sorte, apostas e jogos de azar, ainda que o conceito de sorte esteja implícito. Portanto, reconhece-se, desde a antiguidade, a existência desses 3 elementos. Sorte é uma eventualidade imprevisível e improvável, vista como favorável (quando vista como desfavorável, trata-se de azar). Aposta é o ato de arriscar uma quantia ou algo de valor, na espera de um retorno, baseado em um resultado. Jogo de azar refere-se a qualquer atividade em que o resultado depende principalmente da sorte, e não de habilidade ou estratégia, embora nem sempre envolva uma aposta.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA NA HISTÓRIA DA IGREJA

Desde os primórdios do cristianismo, a relação entre os fiéis e os jogos de azar é marcada por um posicionamento firme e rígido. As apostas são vistas como práticas de cobiça e são condenadas prontamente. Não há meio-termo. A Igreja, ao observar o perigo que tais atividades trazem para a moral e a espiritualidade, age rapidamente. Com o passar dos séculos, a teologia sustenta essa visão, mas não de maneira uniforme. Várias abordagens emergem, refletindo um debate ético supra geracional. Contudo, a crítica à busca insaciável por lucro sem esforço permanece constante. Mudam os tempos e as culturas, mas o cerne é inabalável: os jogos de azar distanciam o ser humano de uma vida de contentamento.

Nos primeiros séculos da Igreja, há uma aversão ainda mais intensa. Os cristãos associam os jogos de azar à cultura pagã romana, em uma mistura de valores hedonistas e crença na sorte. Na antiga Roma, o jogo está profundamente entranhado em festividades e comportamentos completamente desprezados. É, praticamente, um símbolo de tudo o que é abominável e repugnante.

Na Idade Média, a condenação se institucionalizou. Leis eclesiásticas proibem clérigos e fiéis de se envolverem com jogos de azar. Tomás de Aquino (2011), outro pilar teológico, posiciona-se. Ele classifica as apostas como um desvio ético grave. Aquino expõe como essas práticas violam o princípio da "justa troca", pois não há equivalência entre o que se aposta e o que se ganha, o que fere os princípios da justiça e da prudência.

O impacto social também não está despercebido por Aquino. Ele alerta para os danos causados pelas apostas, que vão além da economia e atingem diretamente as famílias, gerando conflitos e desestruturação, e as relações sociais, promovendo vícios. Para ele, a busca por sorte e lucro rápido é uma tentação que compromete a coesão da sociedade como um todo. A

desobediência a Deus conduz sempre acarreta em danos. Nesse caso, tais práticas enfraquecem a vitalidade tanto do indivíduo quanto do coletivo.

Enquanto isso, na Reforma Protestante do século XVI, por meio de Martinho Lutero e João Calvino, a crítica aos jogos de azar ganha uma nova roupagem: enfatiza-se a natureza contraposta ao trabalho honesto. As apostas são vistas como um veneno, uma violação da ética do trabalho. Para Lutero (Tawney, 2017), a ganância representa uma traição aos mandamentos divinos. Ele acredita que o desejo de enriquecer sem esforço corrompe a alma e afasta o fiel da verdadeira vocação cristã.

Calvino, por sua vez, vê nas apostas uma afronta à soberania de Deus (Bainton, 2015). Ao confiar na sorte, os cristãos ignoram a providência divina. Para ele, as apostas também favorecem a ociosidade e o vício, especialmente entre os pobres, que apostam o pouco que têm na esperança ilusória de uma vida melhor. Assim, seus desejos gananciosos tornam-se massa de manobra para aproveitadores.

No século XIX, com o advento da Revolução Industrial, as apostas assumem novas formas, como corridas de cavalos e loterias públicas. E a Igreja, tanto católica quanto protestante, intensifica suas críticas. Walter Rauschenbusch (2003), teólogo do movimento Evangelho Social, vê nas apostas não apenas um problema individual, mas um sintoma de uma injustiça sistêmica. Os pobres são os mais afetados, e o ciclo de pobreza e vício se perpetua. Portanto, o cristianismo, de modo geral, mantém uma postura inflexível. A aposta, a sorte e o lucro fácil são sempre vistos como armadilhas pecaminosas e destrutivas. Desde Agostinho até a modernidade, a condenação permanece. O jogo de azar é sinônimo de desvio e corrupção ética, uma afronta aos princípios mais profundos da fé cristã.

5. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA NO CRISTIANISMO ATUAL

Nas comunidades cristãs, o debate em torno dessas questões é, em grande medida, escasso. Os objetos em análise são frequentemente tratados de modo superficial e simplista, como se a conclusão “é pecado e ponto final” fosse suficiente para responder a complexas inquietações éticas. Esse reducionismo contribui para o surgimento de diversas disfunções no *modus vivendi* eclesiástico, revelando-se insuficiente diante do progressivo desenvolvimento teológico e das novas exigências contextuais que surgem no horizonte da prática eclesial. Em distintos momentos históricos, a igreja cristã aborda o tema com a máxima severidade e, por intermédio de uma postura firme e decisiva de grandes líderes espirituais, resguarda numerosas comunidades de influências prejudiciais.

Como pontua Marzocchi (2024), “tempos extremos exigem medidas extremas”. Dessa forma, a atual necessidade de se investigar esse tema de maneira mais aprofundada não desqualifica, em absoluto, as posições firmes de destacadas figuras do cristianismo, visto que, em grande parte, suas abordagens refletem respostas contextualizadas, limitadas pelos recursos disponíveis na época e pela natureza dos desafios enfrentados.

Contudo, axiomas populares como “jogar é pecado”, “cristão não pode apostar” ou “jogo do bicho é errado” não se revelam suficientes para resolver os dilemas modernos. A escassez de conhecimento sistemático e teológico nessa área tem causado muitos cristãos e até mesmo congregações a se tornarem suscetíveis a práticas pecaminosas, frequentemente disfarçadas sob um véu de normalidade cotidiana.

Atividades em plena dissonância com os princípios bíblicos adentram nossas comunidades de fé pelo simples fato de não carregarem o rótulo formal de “apostas” ou “jogos de azar”. No entanto, essas práticas não se diferem substancialmente de outras tantas rejeitadas ao longo da história eclesiástica. Torna-se, portanto, imperativo romper com posturas superficiais e engajar-se em debates onde as raízes são abarcadas. Não se deve, entretanto, confundir postura superficial com leitura superficial. A reflexão que se impõe aos cristãos é a seguinte: as igrejas rejeitam tais práticas em nome de um zelo consciente e bem fundamentado, ou essa aversão decorre de um desconhecimento mais profundo da temática? Muitos se posicionam veementemente contra, mas, paradoxalmente, acabam por incorrer em contradições éticas e até mesmo em práticas pecaminosas.

Algumas reflexões podem denunciar a leitura superficial e o tratamento simplório a respeito dessas práticas. Por exemplo, “onde está escrito na Bíblia que é pecado?”, “qual a diferença entre rifa e Mega Sena da Virada?”, “se for por uma boa causa, posso jogar?”, “é realmente tudo bem jogar bingo?”, “o cristão pode participar de sorteios?”, “investimento na bolsa é a mesma coisa que apostar?”. Diante de uma análise aprofundada, percebe-se, por um lado, muitas atividades mal afamadas que não são condenadas em lugar nenhum das Escrituras, enquanto outras, de fato pecaminosas, são toleradas em alguns meios cristãos. A ignorância sobre apostas e jogos de azar é percebida no autorrelato de Feldberg (2009):

A princípio, apenas resolvi estudar um pouco sobre este tema, mas à medida que procurava informação sobre isso, percebi a carência de textos formativos, mais que meramente informativos, ou seja, textos que dessem uma posição formativa para o leitor, e não apenas um material com informações gerais. Há muitos textos e livros a respeito de assuntos polêmicos como este, mas na maioria dos casos, se vê uma condenação sumária das práticas, com afirmações rápidas do tipo “nem precisa ler o resto, afinal, jogo de azar é pecado e pronto”, ou “a Bíblia condena a jogatina, e Deus tenha misericórdia da sua alma se você, miserável, ainda não sabe disso”, valendo-se

de frases irrefletidas, sem argumentações, justificativas e fundamentações racionais, mas apenas expressões e posições populares muitas vezes levianas, que não seguem de uma análise lógica, nem de premissas válidas que levem à veracidade destas conclusões, e isso me levou a escrever logo um artigo, em vez de tão somente refletir sobre essa questão. Sinceramente, de irracionalidades, o meio evangélico já está cheio, para a vergonha de nossos antepassados como Aquino, Agostinho, Wesley e outros, que tanto trabalharam para mostrar que, como disse John Stott, “crer é também pensar”.

Ademais, a fé cristã é constantemente atacada por adversários astutos em identificar brechas e fragilidades no discurso evangélico. Certamente, apostas e jogos de azar não são pilares vitais do cristianismo, mas podem ser ardis malignos para trazer enormes prejuízos às comunidades cristãs. Portanto, a proposta dessa análise está diretamente ligada ao enriquecimento da apologética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da ética cristã sobre as questões das apostas e jogos de azar revela complexas intersecções doutrinárias, interpretações bíblicas e considerações morais. Historicamente, muitas tradições religiosas consideraram essas atividades como práticas incompatíveis com os princípios cristãos. Em uma análise, é crucial ter um entendimento preciso tanto dos conceitos contemporâneos quanto dos conceitos do período bíblico referentes à sorte, apostas e jogos de azar. Muitas das dificuldades na abordagem desse tema surgem justamente na má interpretação desses fundamentos básicos.

A palavra sorte, mencionada na Bíblia, geralmente está associada àquilo que é imprevisível e improvável ao homem. Esse conceito só existe na dimensão humana, pois para Deus nada é imprevisível e nada é improvável. Assim, o conceito de sorte se aplica na combinação desses fatores para favorecer o indivíduo e o azar para desfavorecer. É necessário que o cristão conheça a profundidade das argumentações realmente pertinentes. Muitas, apesar de verídicas, não são completamente impeditivas. Enquanto as argumentações contextuais, oriundas da análise teleológica, relacionam-se apenas com algumas condições, cujas brechas podem ser detectadas e merecem uma investigação mais precisa.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Paulus, 2011.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAPTISTA, Maria I. A., **Os Jogos de Fortuna ou Azar no Casino do Estoril**. Repositório Comum, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/18710>. Acesso em: 16 dez. 2023.

Sapientia: estudos de teologia e espiritualidade (ISSN: 2965-5943), Belém, v. 3, n. 1, jan.-jul., 2025

BORGES, Raquel Mendes. **Providência divina em Tomás de Aquino a partir de Isaías 40**. 2021. 136 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

BRUCE, F. F. **The New Testament Documents: Are They Reliable?**. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1981. Disponível em: <https://www.eerdmans.com/Products/18965/the-new-testament-documents.aspx>. Acesso em: 25 out. 2024.

Confissão de Fé Batista de 1689. Capítulo 5: Da Providência. 2002. Disponível em: <https://ibrvn.com.br/wp-content/uploads/2022/05/PFD-Estudo10-CFB-1689Capitulo-V-A-Providencia-Divina.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2023.

DICKINS, F. **Chinese Games of Chance**. London: Oxford University Press, 2011. **É pecado jogar?** JW.ORG. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/perguntas-biblicasrespostas/pecado-jogar>. Acesso em: 22 dez. 2023.

FELDBERG, E. **Jogos de Azar e o Cristão**. 2009. Disponível em: https://www.eduardofeldberg.com.br/_files/ugd/c8f26f_63f5c9a0d377493bb1619a995aa85fb9.pdf?index=true. Acesso em: 26 dez. 2023.

GEISLER, Norman. **Christian Ethics: Contemporary Issues & Options**. Grand Rapids: Baker Academic, 2010.

GEISLER, Norman. **Ética Cristã: Opções e questões contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HARPER, C. **The Origins of Gambling in Ancient China**. 2018. Disponível em: <https://www.historytoday.com>. Acesso em: 30 nov. 2024.

HAUERWAS, Stanley. **The Peaceable Kingdom: A Primer in Christian Ethics**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1983.

JOSEFO, Flávio. **Antiguidades Judaicas**. Cambridge: Harvard University Press, 1950. Volume 1.

KAISER JR. Walter C. **O Cristão e as Questões Éticas da Atualidade: um Guia Bíblico para Pregação e Ensino**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KUNZ, A. C. **Método Histórico-Gramatical: Um estudo descritivo**. 2021. **Via Teológica**, 1(01). Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/204>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LANE, William L. **Hebrews: An Anchor for the Soul**. Nashville: Thomas Nelson, 1991. Disponível em: <https://www.thomasnelson.com/p/anchor-for-the-soul-hebrews>. Acesso em: 15 out. 2024.

MARZOCCHI, M. *On Legitimacy and Authority of Extreme Political Acts*. In: LANE, M. (Ed.). **Political Violence in Context: Between the Norm and the Exception**. Oxford: Oxford University Press, 2024. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/8887/chapterabstract/155138465?redirectedFrom=fulltext&login=false>. Acesso em: 3 out. 2024.

NEUENFELDT, Elaine G. **Adivinhação, feitiçaria, magia e possessão no AT**: suspeitas a partir da teologia feminista. In: Revista de Estudos da Religião, v. 1, n. 1, 2001, p. 1-22. Disponível em: <http://www.est.com.br/periodicos/index.php/nepp/article/viewFile/2117/2028>. Acesso em: 05 mai. 2023.

NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo descomplicado**: questões difíceis da vida cristã de um jeito fácil de entender. São Paulo: Mundo Cristão. 2017.

NOVAES, A.; LIMA, E. **Os Games no Discurso Adventista**: Breve Análise de Publicações e Documentos Eclesiásticos. Tropos: comunicação, sociedade e cultura, 2021. Disponível em: <http://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4553>. Acesso em: 16 dez. 2023.

RAUSCHENBUSCH, Walter. **Teologia do Evangelho Social**. São Paulo: Paulus, 2003.

STOTT, John. **The Cross of Christ**. 2. ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2006. Disponível em: <https://www.ivpress.com/the-cross-of-christ>. Acesso em: 09 out. 2024.

SUETÔNIO. **Vida dos Doze Césares**. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Talmude Babilônico. Tratado Yoma. Tradução de Samuel Presiado. São Paulo: Sêfer, 2008.

TAWNEY, R.H. **Religion and the Rise of Capitalism**. New York: Penguin Classics, 2017.

WONG, J. **A History of Chinese Gambling and the Popularity of Dice and Board Games**. New York: HarperCollins, 2012.